

# Comércio ainda

DO CORREIO BRAZILIENSE  
*não sabe como*

-4 SET 1988

# *ficará crédito*

Embora a Assembléia Nacional Constituinte tenha decidido fixar os juros reais em 12 por cento ao ano, o consumidor deve ter em mente que esta medida só deverá entrar em vigor após regulamentação estabelecida em lei complementar. Por enquanto, bancos, financeiras e o comércio em geral continuam operando como se nada existisse em relação à questão dos juros.

Assim, por exemplo, o consumidor que pretenda efetuar uma compra a prazo deve estar preparado para enfrentar a taxa média de 31 por cento ao mês, o que equivale a 2.454 por cento ao ano. Não houve alteração nem para aqueles que preferem utilizar o cartão de crédito. E, ao contrário do que se podia esperar, ainda há possibilidades dos lojistas não aceitarem mais os cartões como instrumento de venda à vista.

"O tabelamento dos juros em 12 por cento ao ano pode ser comparado ao lançamento de um foguete cujo rumo ninguém sabe", comenta Joel Campanatti, diretor-presidente do Clube dos Diretores Lojistas de Brasília (CDL). Para ele, a maior preocupação no momento é minimizar os custos que os lojistas têm que contabilizar com as vendas através de cartões de crédito. "O produto de nossas vendas com cartão só se transforma em dinheiro após 30 ou 40 dias", explica. "Isto é extremamente difícil de suportar, numa inflação que beira a casa de um por cento ao dia".

Mas enquanto o diretor-presidente do CDL se vê às voltas com os cartões de crédito e estatísticas que demonstram que este instrumento é, hoje, responsável por 66 por cento das vendas em Brasília, os gerentes de financeiras têm outra preocupação: como aumentar o volume de vendas através do crediário.

"O tabelamento dos juros não existe", afirma Nelson Angelo Tiemann Filho, gerente da filial da Multiplic Promotora de Vendas em Brasília. "Ao preço fixado pela Constituinte — 12 por cento ao ano, ou 1 por cento ao mês — não se consegue dinheiro na praça. Acredito que o mercado acabará criando taxas e artifícios capazes de assegurar a lei de oferta e procura".

Mais cauteloso, o diretor-financeiro do Grupo OK, Jairo

Torres, prefere não comentar o tabelamento dos juros. O máximo que se permite é uma evasiva: "Vamos esperar para ver no que vai dar. Ainda é cedo para se imaginar quais as consequências desse tabelamento e de que forma ele chegará ao mercado".

O que todos os gerentes de financeira não escondem é que estão mais preocupados com o volume de negócios de suas empresas. O gerente da filial da Multiplic, por exemplo, discorda dos números relativos à participação dos cartões de créditos nas vendas: "A sua utilização não é tão intensa como dizem. Varia de setor para setor. Além do mais, as vendas do crediário têm permanecido estáveis e a tendência é de manutenção deste quadro. O número de contratos mantém-se constante e o valor global das vendas tem acompanhado rigorosamente a inflação".

Segundo ele, o público que se utiliza do crediário em suas compras tem se mantido fiel a esta forma de financiamento, o que acaba minimizando a participação dos cartões de crédito: "Não podemos negar o crescimento dos cartões, mas há uma diferença fundamental de clientela. O crediário continua a ser a única forma de financiamento para as classes de menor poder aquisitivo, enquanto os cartões de crédito são utilizados por um público mais seletivo — de maior renda".

E como se realmente não tivesse a mínima preocupação com relação ao tabelamento dos juros, Nelson Angelo retoma uma antiga discussão: "O argumento de que o preço final de um produto financiado em quatro vezes daria para comprar duas unidades do mesmo bem, à vista, não tem sido empregado corretamente. É verdadeiro, mas não pode ser aplicado genericamente porque não corresponde às necessidades do consumidor. Este tipo de argumento aplica-se somente para quem dispõe de dinheiro para compras à vista. Como este não é o caso da maioria dos brasileiros, o crediário — seja qual for a taxa de juros — ainda é uma opção considerável. Mesmo porque, de que adianta deixar de comprar a crediário para colocar o dinheiro na poupança? Os rendimentos não acompanham a evolução dos preços" — afirma.